2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS — AGRICULTURA — INDUSTRIA — LITTERATURA — BELLAS-ARTES — NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 17. QUINTA FEIRA, 1 DE MARÇO DE 1849. 8.º ANNO.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Esboço d'um projecto de organisação do Corpo de Engenheiros Civís, e da necessidade de crear esta corporação.

O ARTIGO, que hoje inserimos, escripto pelo nosso amigo o Sr. Lobo de Avila, não carece de rasões alheias, para que seja attendida a opinião, que manifesta.

O nosso fim, escrevendo as poucas palavras, com que o vamos preceder, é provar que, ha muito a nossa opinião está perfeitamente de accordo com a parte principal do artigo do Sr. Avila; — com o seu unico fundamento — isto é, — com a organisação de um Corpo de Engenheiros Civís. Quando annunciámos a chegada do Sr. Lobo de Avila, e de alguns dos seus companheiros de estudos, e quando em o numero 11 do 7.º volume, publicámos um artigo do Sr. Souza Brandão, sobre — Vias de Communicação — em ambas as occasiões, insistimos na vantagem, que o paiz poderia tirar do aproveitamento do estudo e zelo de tão distinctos estudantes, e não esquecemos a necessaria organisação de um Corpo de Engenheiros Civís.

268 HOJE que todas as intelligencias se concentram no estudo das questões de interesse economico, não é bem que se esqueçam as vias de communicação, cuja necessidade é felizmente entre nós axioma assentado. Não basta porém declamar sobre a urgencia de sulcar canaes, traçar estradas, levantar pontes, aplanar barrancos; é mister cuidar nos meios de levar a cabo essas emprezas.

Além dos capitaes necessarios para executar as obras de que o paiz carece; são precisos engenheiros habeis, que as dirijam com intelligencia, economia e amor d'esta nossa terra; que tambem se ha mister delle para arrostar com os preconceitos e trabalhar com desinteresse. Todos sabem que para qualquer obra importante se chama logo um engenheiro estrangeiro. O que tem acontecido? esse homem não vem cá para fundar uma reputação; a sua mira é ganhar. Elle cura principalmente de se aproveitar da ignorancia, ou abusar da confiança dos directores da empresa para *fazer fortuna* á custa dos accionistas: O capital esgota-se, a construcção fica em meio, e, — o que peor é, — o desalento ganha todos os animos. Foi o que succedeu com o canal de Azambuja. Se tivessemos engenheiros portuguezes, se tendo-os os empregassemos evitariamos, em grande parte, esses verdadeiros desastres. Hoje ha *engenheiros portuguezes* habilitados com o curso da Eschola de Pontes e Calçadas de París, e feitos no estudo pratico das immensas obras que se constroem em França e n'outros paizes; além d'esses, ha outros engenheiros que, com quanto não cursassem em paiz estrangeiro, pelo seu talento, particular estudo e pratica adquirida nas construcções, que entre nós se teem empreendido, offerecem garantias de capacidade ao governo e a qualquer companhia, que queira emprega-los. Mas todos esses engenheiros acham-se dispersos, pela maior parte sem emprego, e grita-se depois «não ha engenheiros.»

N'este estado de coisas, a necessidade de se organisar um *Corpo de Engenheiros Civís*, que reuna todos os individuos convenientemente habilitados, é d'uma urgencia incontroversa.

A França tem o seu Corpo de Engenheiros de Pontes e Calçadas.

A Prussia, a Belgica, o Egypto, a Hespanha, todos teem um Corpo de Engenheiros Civís regularmente organisado, só Portugal resiste ainda a tão racional innovação!

A par d'essa corporação deve crear-se sem perda de tempo a *Eschóla de Engenharia Civil*, donde saiam devidamente habilitados os individuos que se destinam a tão util carreira. — N'outro artigo fallaremos d'esta Eschóla.

Quaes são as vantagens da organisação d'um *Corpo de Engenharia Civil?*

Em primeiro logar, o governo, por este modo grupará, classificará e ordenará rasoavelmente os individuos mais aptos para o importante serviço dos tra-

balhos publicos; as suas escolhas serão assim mais acertadas.

Fomentará o bem entendido espirito de corporação, a emulação productiva de classe, de que deve resultar o progresso da sciencia, e o aperfeiçoamento nos processos de construcção; o que tudo deverá ser consignado em os *Annaes do Corpo de Engenharia Civil.*

Creará a responsabilidade moral d'esse Corpo para com o governo e a nação; e formará uma especie de eschóla pratica que, pela harmonia e unidade de seus trabalhos, promoverá as empresas particulares proporcionando-lhes engenheiros habeis, que poderão passar ao serviço das companhias com previa auctorisação do governo.

O governo fundará em fim uma especialidade reclamada pelos dictames da sciencia, pelas necessidades do serviço publico, e pelas indicações do fecundo principio da divisão do trabalho.

Em França os engenheiros de *Ponts et Chaussées* deram um grande impulso á construcção dos caminhos de ferro, pela confiança que souberam inspirar ás companhias.

Em um paiz como a Inglaterra, onde a administração foi sempre toda municipal, onde os capitaes, o credito e a instrucção abundam, onde o espirito de empresas se converteu em monomania e o existir individual encarnou de todo o ponto, não admira que não haja um Corpo de Engenheiros Civís regularmente organisado. Mas nós estâmos em mui diversa situação: precisâmos de que o governo tenha garantias seguras de que ha de achar funccionarios capazes para exercer certas funcções de que o estado carece.

Napoleão — que entendia de administração — quando quiz imprimir um grande impulso aos trabalhos publicos, deu uma nova organisação aos engenheiros, creando definitivamente o Corpo de Pontes e Calçadas por decreto de 17 de Janeiro de 1804. A França deve a esta excellente instituição o gráo de aperfeiçoamento, em que hoje se acham as suas vias de communicação.

Não ignorâmos que ha, entre nós, certas difficuldades sobre o modo de constituir o Corpo de Engenheiros Civís; mas não as julgâmos insuperaveis. Aqui appresentaremos algumas indicações para a sua organisação.

Organisação do Corpo de Engenheiros Civís.

O Corpo de Engenheiros Civís terá uma gerarchia. Elle será composto, seguindo a ordem ascendente, do seguinte modo:

1.° Alumnos-engenheiros. [1]
2.° Engenheiros-aspirantes.
3.° Engenheiros-ordinarios { de 2.ª classe. / de 1.ª classe.
4.° Engenheiros-superiores { de 2.ª classe. / de 1.ª classe.
5.° Inspectores-divisionarios.
6.° Inspectores-geraes.

[1] Comprehendemos os *alumnos* no Corpo porque intendemos que elles devem vencer um certo ordenado, que aqui não indicaremos, assim como o dos demais engenheiros.

Serão alumnos-engenheiros, os estudantes que, por conta do estado, frequentarem a Eschóla de Engenharia Civil.

Engenheiros-aspirantes os alumnos-engenheiros durante [1] *mais* um anno de pratica a que estão obrigados depois de haverem ultimado o respectivo curso.

Engenheiros-ordinarios de 2.ª classe os engenheiros-aspirantes, logo que findo seja o supra-indicado praso de um anno.

As outras graduações serão conferidas segundo a antiguidade, ou por distincção, em vista de trabalhos importantes que o engenheiro tenha dirigido, escriptos de merito, que tenha publicado sobre a sciencia das construcções, descoberta ou aperfeiçoamento de vulto que haja introdusido nos processos praticos: sobre todos estes pontos deverá ser ouvido o *Conselho Geral de Engenharia Civil.* — Este conselho será composto de um certo numero de inspectores geraes e divisionarios, tendo por secretario um engenheiro-superior coadjuvado por um aspirante-engenheiro — que deve ser o primeiro premiado dos alumnos-engenheiros. — Este renovar-se-ha todos os annos, a fim de habituar os jovens engenheiros a considerar os trabalhos em grande.

O conselho geral terá a seu cargo rever, rectificar, approvar ou regeitar motivadamente todos os projectos appresentados pelos differentes engenheiros, antes de serem submettidos á ratificação do ministro respectivo. Por este modo taes trabalhos terão toda a unidade e concerto de que carecem.

Tambem formarão parte do Corpo de Engenheiros Civís um certo numero de *conductores de trabalhos.* Para obter este cargo é mister: ser proposto por um engenheiro director de trabalhos; passar um exame perante uma commissão de engenheiros; e obter depois a ratificação do ministro.

Os individuos que appresentarem cartas de dois annos, pelo menos, do curso de engenharia civil serão dispensados do exame.

Haverá *conductores* de 1.ª e 2.ª classe, com differença de vencimentos. O accesso é-lhes dado por sua antiguidade e trabalhos.

Qualificações necessarias para entrar no Corpo de Engenheiros Civís.

Artigo 1.° O Corpo de Engenheiros Civís será formado:

§. 1.° Dos cidadãos portuguezes que tiverem frequentado com aproveitamento *dois annos*, pelo menos, a Eschóla de Pontes e Calçadas de Paris, e seguido alli os trabalhos praticos sobre o terreno.

§. 2.° Dos engenheiros militares portuguezes que tiverem estado, ao menos durante dois annos, empregados em trabalhos de construcção importantes.

§. 3.° De quaesquer cidadãos portuguezes que, tendo o curso mathematico da Eschóla Polytechnica de Lisboa, Universidade de Coimbra, ou Academia do Porto, houverem professado um curso completo de *trabalhos publicos*, ou escripto e publicado obras

[1] Disêmos mais um anno, porque julgâmos *indispensavel*, que a cada anno do curso corresponda uma *missão pratica* sobre as obras em construcção.

de reconhecido merito sobre a sciencia das construcções.

§. *transitorio*. Estas disposições referem-se á actualidade.

Art. 2.° Constituido o Corpo, só poderão entrar nelle.

§. 1. Os cidadãos portuguezes que, tendo completado o curso da Eschóla Polytechnica de Lisboa, ou o curso mathematico de Coimbra, terminarem o curso da *Eschóla de Engenharia Civil*, ou dois annos, pelo menos, da Eschóla de Pontes e Calçadas de Paris, sob condição de haverem encetado alli os seus estudos anteriormente á creação da nossa Eschóla.

§. 2.° Os engenheiros militares, despachados anteriormente á fundação da Eschóla de Engenharia Civil, que satisfizerem aos mesmos requesitos.

§. *unico*. As habilitações, de que tractam os precedentes artigos, verificam-se pelos attestados da respectiva eschóla, e engenheiro director dos trabalhos.

Não fallâmos aqui muito de proposito, das outras armas scientificas do exercito, porque intendemos que o estado precisa egualmente de bons officiaes de artilheria e estado maior, e que não convém ao paiz monopolisar todas as intelligencias elevadas na Engenharia Civil.

Todos os militares que entrarem para o Corpo de Engenheiros Civís deixam, *ipso facto*, de ser militares, guardando todavia as honras de suas patentes respectivas.

Para collocar actualmente os individuos admittitidos a formar parte do Corpo de Engenheiros Civís, seguir-se-hão as seguintes regras:

1.° Os individuos que não tiverem graduação alguma serão ordenados como segue:

Os que tiverem só dois annos da Eschóla de Paris, engenheiros-ordinarios de 2.ª classe; os que tiverem tres annos, engenheiros-ordinarios de 1.ª classe.

2.° Os individuos que estiverem no caso do art. 1.° §. 3.° serão classificados segundo a opinião de um jury, (eleito pelos engenheiros) com ratificação do governo.

3.° Os engenheiros militares, que estiverem em qualquer dos casos do art. 1.° §§. 1.° ou 2.°, sendo Tenentes entrarão para engenheiros-ordinarios de 2.ª classe; sendo Capitães, para engenheiros-ordinarios de 1.ª classe; Majores para engenheiros-superiores de 2.ª classe; Tenentes Coroneis para engenheiros-superiores de 1.ª classe; Coroneis para inspectores-divisionarios; e Generaes para inspectores-geraes.

Os engenheiros-ordinarios de 2.ª e 1.ª classe serão encarregados de *Districtos*; os engenheiros-superiores de 2.ª e 1.ª classe de *Provincias*; os inspectores-divisionarios d'uma grande *Divisão* de trabalhos; os inspectores-geraes formarão o Conselho Geral de Engenharia Civil, e poderão fazer inspecções geraes.

Em quanto os trabalhos não estão regular e devidamente repartidos por todo o reino, o governo empregará os engenheiros segundo as necessidades do serviço, ouvido o Conselho Geral, tendo em conta as suas respectivas graduações e *especialidades*.

Em França, na Prussia e na Belgica, os engenheiros de Pontes e Calçadas são indistinctamente empregados na construcção de portos de mar, canaes, pontes, caminhos de ferro, estradas etc.; mas ordinariamente cada um adopta uma especialidade, e o governo tem o bom senso de os não desviar della. Assim, por exemplo, em França, M. Julien tem a especialidade de caminhos de ferro, M. Frissard a de portos de mar, M. Mary a de navegação interior, M. Nadaut de Buffon a de irrigações etc. e são todos engenheiros de Pontes e Calçadas. Isto parece-me muito acertado, não só porque é prejudicial, senão impossivel, separar no estudo estes differentes ramos da sciencia das construcções, como porque é muito mais racional deixar ás differentes aptidões uma escolha livre, um meio de manifestar suas naturaes tendencias, do que dizer *à priori* a qualquer individuo «tu has de ser *necessariamente* engenheiro hydraulico, tu engenheiro de estradas, tu de caminhos de ferro.» etc. — Por aquelle modo conseguir-se-hão melhores engenheiros: cada um terá a *especialidade* que tiver preferido com conhecimento de causa.

Uma das difficuldades, a maior, que se costuma pôr a qualquer boa instituição é a falta de meios. Sem fallar nas economias que resultariam da organisação d'um *Corpo de Engenheiros Civís*, póde assegurar-se qne ella em nada augmentaria a despeza do estado. Os individuos, que podem compor aquelle corpo, são já, salva imperceptivel excepção, estipendiados pelo thesouro: assim que, a organisação que propomos não cria logares para individuos, ella grupa d'um modo vantajoso, approveita mui proficuamente, para o serviço publico, as aptidões daquelles, a quem o estado pagou para adquirirem uma instrucção especial.

Os engenheiros militares não ficariam desaproveitados, parte podia entrar no Corpo de Engenharia Civil, outros continuariam nas operações geodesicas da carta, e nos trabalhos cadastraes, e o resto seria empregado na conservação das nossas praças de guerra e edificios militares.

No que deixamos esboçado não ha o minimo intuito de hostilisar classe alguma, senão o desejo que saiamos d'uma rotina anachronica, que esterilisa o talento e resiste aos progressos de toda a Europa: que *organisemos um Corpo de Engenheiros Civís*, que dê unidade e andamento a todos os trabalhos, inspire confiança ás companhias, e forneça as convenientes abonações de aptidão e competencia, aproveitando para o formar todas as capacidades idoneas, sem idéa de exclusão: que se reformem os vicios da actual organisação das obras publicas, de que deve resultar um impulso vital para este importantissimo ramo de administração, e uma bem entendida economia para o thesouro.

É esta uma questão de interesse geral: chamâmos sobre ella a attenção de todos os que amam esta nossa terra, e desde já ficâmos certos da imparcialidade dos engenheiros militares.

J. T. Lobo d'Avila.

Cultura do milho na Ilha da Madeira.

(Carta.)

269 Sr. Redactor. — Parece-me que posso dizer, sem medo de passar por falso propheta, que a

cultura do milho vae abrir uma nova epocha na Ilha da Madeira.

Como todos sabem, a Madeira foi grande pelo valor de seus preciosos vinhos; esses, porém, cahiram de preço, por muitas rasões, e, sobretudo, porque passou, não direi o gosto, mas a moda: o vinho é hoje mais um onus do que objecto d'interesse para o lavrador madeirense; as semilhas (batatas), que, na decadencia do vinho, eram o principal recurso da gente do campo, perderam-se, como em toda a parte.

Assim estavam as coisas, sem o lavrador saber o que fizesse, porque é preciso dizer que os grandes proprietarios de cá, em geral, não pensam *n'essas coisas*, quando appareceu entre nós o Sr. Laureano da Camara Falcão, proprietario nas Ilhas dos Açores, e possuidor aqui de uma boa porção de terra nas freguezias de S. Jorge e Sant'Anna, ao norte da Ilha, trazendo comsigo alguns agricultores da Ilha de S. Miguel, entendidos na cultura do milho; e começou a dar o exemplo no anno passado, fazendo, por sua conta, algumas plantações, e induzindo e animando a todos para que fizessem outro tanto. O resultado foi, que a producção excedeu a todas as esperanças; o methodo de que usaram foi pouco dispendioso, e as plantações sahiram em muita conta. Estes resultados, ajudados pelos esforços do Sr. Sylvestre Ribeiro, que não esquece quanto póde melhorar a sorte dos habitantes do seu Districto, tem causado por cá tal enthusiasmo pela cultura do milho, que já se não póde duvidar, que, em poucos annos, acharão os habitantes n'elle os recursos que perderam com o vinho e as batatas. Não seremos, como já fomos, opulentos, mas não teremos fome.

A Camara municipal do Concelho de Sant'Anna já registou este facto em um accordam, muito lisongeiro para o Sr. Laureano da Camara; mas entendo que os nomes das possoas, que taes serviços fazem á humanidade, não devem ficar só fixados n'um livro de accordãos; e como eu sei, por ser ha muitos annos assignante da Revista, que V. acceita com prazer, e dá publicidade a noticias d'estas, por isso tomo a liberdade de lh'as communicar. Agora o que peço a V. é que, publicando a noticia, diga o que achar a proposito, para que, ao menos, n'estes primeiros annos, nos não venham apoquentar com o dizimo do milho.

De V. etc.

Madeira. = Sant'Anna, 19 de Dezembro de 1848. *L. A. A.*

Prensas Typographicas de Madeira.

O artigo, que em seguida publicâmos, será *composto* pela mão que o escreveu.

Nas paginas da Revista, onde ha tanto as mais illustres pennas do paiz accreditam, pela sua collaboração, o plano d'este Jornal, vem hoje um operario escrever algumas linhas, que serão lidas com interesse, e que merecem louvor.

Sirva este facto de incentivo para que seja acceito o convite, que por esta occasião repetimos, aos nossos artistas e operarios, a fim de que se resolvam a publicar, por meio do nosso Jornal, os inventos e aperfeiçoamentos, que não só os honram a si, como tambem á patria.

É assim que nós intendemos a obra da civilisação.

Por falta de espaço se não publicou este artigo em o numero anterior.

(Carta.)

Sr. Redactor. — Sendo o Jornal que V. ..... redige um dos que mais a peito tem tomado os progressos da industria nacional, é por isso que lhe rogava a publicação das seguintes linhas, no que muito obrigará aquelle que fiado na benevolencia que V. ha mostrado para com as classes artisticas, toma a liberdade de ir, pela primeira vez, estampar o seu nome no Jornal que os principaes genios do nosso paiz hão ennobrecido.

De V. etc.

F. Vieira da Silva, Junior.

270 É geralmente sabido a summa vantagem, que ás prensas typographicas de madeira levam as de ferro, appresentando uma impressão mais perfeita, e exigindo menos emprego de força, que os prelos de páu. Mas sendo os seus preços bastante altos, é por isso que são poucas as typographias de Lisboa que as possuem.

Estes inconvenientes removeu o Sr. Jeronimo Pinto Ferreira, no excellente prélo de páu, que acaba de construir para a Typographia do Sr. José Baptista Morando, e no qual adoptou taes melhoramentos, que nós estamos persuadidos que devem dar em resultado uma impressão senão egual, ao menos quasi egual á dos prélos de ferro.

Entre os muitos aperfeiçoamentos que n'este prélo observámos, tem o primeiro logar, por ser o principal, aquelle feito no *taboão* e *quadro*, cada um dos quaes é coberto com uma chapa de ferro fundido, perfeitamente plana, da altura de meia pollegada: ora sendo estas duas partes d'um prélo as que mais concorrem para uma boa impressão, é pela nitidez que ellas apresentavam, que julgâmos que se hão de realisar as nossas bem fundadas esperanças.

O *fuso* e a *barra* são de uma perfeição admiraveis, estando a *rosca do fuso* perfeitamente executada.

Todas as peças de ferro, assim como as chapas fundidas, são obra da excellente fundição e serralheria do Sr. Jacintho Dias Damazio, conhecida pelo nome de *Vulcano*, e sita no boqueirão do Duro, (á Boa-Vista) a qual perfeitamente executou todos os modêlos e desenhos que havia delineado o Sr. Jeronimo Ferreira.

Finalmente o prélo está perfeitamente acabado em todas as suas partes, ainda as mais insignificantes, e tanto nas ferragens, como nas peças de madeira, appresenta uma solidez extraordinaria, havendo o Sr. Ferreira sabido combinar habilmente a força e robustez, com a elegancia em que aquella obra não pouco avulta.

Não é este o unico trabalho que n'este genero tem saído das mãos daquelle distincto artista, pois varias prensas para gravura e lytographia tem feito, sempre com a mesma perfeição, com que executa todas as suas obras.

Nós recommendâmos aos donos de typographias, que não poderem possuir prélos de ferro, a mandar construir as suas prensas de madeira á Officina de Marcineria daquelle artista, na rua direita do Salitre, n.º 207, como meio efficaz para obterem dellas impressões similhantes ás dos prélos de ferro.

Considerações sobre o atrazo de Agricultura no Alemtejo.

271 Lastima-se geralmente o atrazo da agricultura, e com rasão, no Alemtejo. Os proprios agricultores o conhecem e sentem, e o attribuem á falta de braços. Parece impossivel que em um paiz tão limitado, como Portugal, emigrem das provincias do norte annualmente centenares de pessoas, em quanto o Alemtejo se queixa de falta de braços; mas não o é, porque a experiencia no-lo mostra. — Em quanto a agricultura estiver estacionaria, não convidará, por certo, o minhoto a estabelecer-se no Alemtejo, porque lhe não assegura o pão nosso de cada dia.

Reduz-se hoje a agricultura, n'esta provincia, a semear-se mal muito trigo, cevada e centeio, e ao cultivo das oliveiras e montados.

A agricultura dos cereaes, acima indicados, só precisa de maior numero de braços no tempo da ceifa. Vem então a gente do norte; mas, acabada ella, retiram-se, porque já não acham em que tirem o sustento; e o mesmo acontece no tempo da apanha da azeitona.

Ha ainda outro ramo agricola — a creação do gado. Encontram-se extensas campinas, onde pasta algum gado, só gordo na primavera e verão, no mais tempo magro e quasi morto de lazeira, porque dorme ao rigor do tempo, sustentando-se do que a terra espontaneamente produz. Criam pouco, e essa mesma creação enfesada é rareada pela fome, pelo desabrigo e pela falta de cuidado.

Este systema de cultura produz dois excessos; no anno contrario ás sementeiras do trigo, como o de 1846, o proprio lavrador tem de comprar o trigo, e, como não tem outro genero com que o suppra, lá o vae buscar ao estrangeiro; no anno favoravel desce a tal preço, que prejudica o lavrador.

E qual será a causa de tantos prejuizos para a nação e para o particular? A meu ver, são muitas as causas; mas a principal é a falta de — Lavoiras-Modelos nas capitaes de districto — porque alli conheceriam os lavradores theorica e praticamente: —

— Que nenhum lavrador o deve ser privativamente de certos e determinados generos; porque uns annos prosperam mais umas culturas do que outras. E cultivando differentes generos, não póde nunca assim vir a faltar-lhe o necessario sustento, porque se, por exemplo, falta o trigo, suppre-o com a batata, etc. Havendo varias culturas, haveria sempre trabalho, o que convidaria a estabelecerem-se os trabalhadores que emigram do norte; com augmento de população, e barateza de jornaes.

Tambem conheceriam, que, com os prados artificiaes, sustentariam cincoenta rezes com o terreno com que ao presente sustentam dez, tendo o gado sempre capaz de trabalhar, e gordo, melhor creação, mais e melhor leite, lã, etc.

Veriam alli que as machinas de lavoira, aperfeiçoadas pelas modificações ou novos inventos, fazem mais com menos força; curando-se assim dos prejuizos da educação de ajuizar mal de tudo que é novo.

Verificariam alli o rifão — mais val uma eira que uma geira; isto é, val mais uma eira bem cultivada, do que uma geira mal.

Finalmente, obteriam d'alli, com facilidade, instrumentos, machinas, sementes, instrucções, etc.

Tudo quanto digo da lavoira-modelo, é concebendo-a como se acha exarada no n.º 7 da Revista de 20 Janeiro de 1848, pois só assim poderia produzir proficuos resultados.

Quanto se intente de monopolios, companhias e privilegios, acho injustiça para as outras classes mais do que os que já ha. Dêem-nos exemplos e instrucção, e todos concorrerão á porfia para que haja boas estradas, boas posturas (que, nas povoações ruraes, tanto precisam ser reformadas), que tanto concorrem para a prosperidade da agricultura.

Para que se conheça a vantagem do exemplo contarei o que me succede. Comprei um olival, que dava muito pouco; as oliveiras estavam cheias de musgo, e a folha amarellada. Mandei logo limpa-las, cortando-lhes as hastes do centro, que subiam a muita altura, e que se lhes deixassem só os ramos verdes nas outras, e que não tivessem folhas amarelladas, limpando-se as pernadas ou ramos lateraes de todo o musgo. Depois d'isto feito, foi lavrado duas vezes. Parecia que mão inimiga tinha alli passado. A maior parte dos outros proprietarios zombavam; os que me tractavam com mais caridade, tinham dó de mim. O resultado foi, que, ao fim de dois annos, carregou o olival, deu o dobro da novidade maior que lhe colhêra o antigo dono, e cada moedura (72 alqueires d'azeitona), que d'antes dava 12 alqueires de azeite, deu-me 22. Conhecidos estes resultados, o anno passado, logo aquelles mesmos, que me escarneciam, mandaram fazer limpezas nos seus, e este anno continuam. Ha dois grandes obstaculos, que me embaraçam de fazer experiencias, e dar assim exemplo: para serem em grande ponto, temo perder muito pela falta de conhecimentos theoricos e praticos; e em ponto pequeno, obstam as posturas municipaes, com que, sem uma completa reforma, nada se póde tentar.

É por estas rasões, e por muitas outras, que, desinvolvidas, encheriam volumes, que clamo pelas lavoiras-modelos. Alli, com pequena quantia, com que todos concorressem, se aventurariam experiencias, sem consequencias funestas para uns, e sempre com resultado para todos, sendo este o unico meio que o Governo tem para supprir a falta de espirito d'associação, que se nota em Portugal.

Talvez se pense, que, quando fallo em lavoira-modelo, pertendo um estabelecimento como o de Grignon: — não, senhor, eu não o concebo assim. Aquel-

le instituto exige grandes despezas, tanto para o seu costeamento, como para a conservação dos alumnos em Portugal, o que não é possivel, porque os lavradores entendem que a agricultura o de que precisa é pratica, e nem poderiam com as despezas para alli sustentarem os filhos. O que pertendo, por ora, da lavoira-modelo, é exemplo, meio facil de instrucção popular em todos os ramos que entendem directamente com a agricultura, e que resolva, por todos os meios possiveis, as difficuldades de obter sementes, machinas, etc. Depois, o tempo mostrará as modificações, ou os augmentos necessarios.

R. C. S. C.

Influencia das sementeiras no melhoramento e renovação das variedades das arvores fructiferas, principalmente da vinha, por M. A. Puvis.

272 A questão das variedades alcançadas pela sementeira, não é, diz Mr. Puvis, um facto novo. Ha muitos seculos que os hallandezes teem feito variar os jacinthos, as tulipas, e a maior parte das flores. Ha um seculo que na Belgica, na Inglaterra e nos Estados-Unidos se tem alcançado, por este meio, novas variedades de pereiras. Deve-se, por consequencia, esperar os mesmos resultados em relação á vinha.

As variedades da vinha não são devidas, como se julgou muito tempo, ás differenças do sólo, da exposição e do clima: assim é que se observa que a mesma qualidade da vinha produz em toda a parte a mesma uva.

Entretanto nós já não possuimos diversas variedades conhecidas antigamente: do que se conclue, que as especies morrem e desapparecem. Plinio já não encontrou as variedades de fructas e de vinhas cultivadas no tempo de Catão, nem Olivier de Serres as do tempo de Plinio, e nós temos perdido a metade das descriptas por *La Quintinie*.

As variedades, que as substituiram, são individualidades novas, pois que a mudança de logares não influe sobre as variedades hoje conhecidas.

Estas variedades novas são o resultado da sementeira. D'estes factos M. Puvis conclue que os rebentos, os ramos, as estacas não são individualidades, como admittia De Candolle, porém partes d'um mesmo individuo, que, não obstante acharem n'outro sitio nutrição mais sadia e abundante, não deixam de continuar a existencia do individuo d'onde foram extrahidos. Por esta rasão as qualidades, os defeitos e o germen de enfraquecimento, que elle continha em si, passam para os seus filhos, e a mudança de alimentação não faz mais que retardar-lhes a morte, até que desappareçam. Portanto, só pela sementeira se podem crear novas especies, que tenham vida, que lhe seja peculiar. Em uma palavra, o enxêrto, a estaca ou a mergulhia não são senão a continuação de uma especie; a sementeira só é a successão dos sêres, e o meio da perpetuidade da especie.

Quaes serão as causas que impedem a sementeira da vinha? São duas: a primeira é o fraco lucro que ao lavrador proviria de uma especie não conhecida, e ainda não estimada; — a segunda é o muito tempo que seria preciso para se alcançar um resultado vantajoso. Isto são obstaculos sem duvida, e de alguma monta: porém, não são bastantes para fazer desanimar todos os que se interessam pela prosperidade da Agricultura, que devem ser todos os homens, e em todas as partes do mundo. É para o patriotismo d'esses homens que appella M. Puvis.

* *

Composição do ar tomado em diversas alturas em uma caza fechada onde teem respirado um grande numero de individuos.

273 As experiencias, que M. Lassaigne fez a este respeito, o levaram aos seguintes resultados:

1.º — Nos sitios, onde o ar se acha represo, e serviu, por certo espaço de tempo á respiração, sem ter sido renovado, a proporção de acido carbonico exhalado não se encontra exclusivamente nas regiões inferiores da caza, como o teem affirmado differentes auctores.

2.º — Segundo as leis da physica e como a experiencia o confirma, o acido carbonico está, pouco mais ou menos, espalhado egualmente em todo o ar circumscripto, que serviu á respiração de um qualquer numero de individuos.

3.º — As pequenas differenças, que se teem encontrado a este respeito, tenderiam antes a persuadir — que a quantidade de acido carbonico é um pouco maior nas regiões superiores de um volume de ar limitado, segundo o estabelece o resultado das experiencias, se todavia taes differenças não entrassem nos erros possiveis na determinação do volume dos elementos gazosos do ar atmospherico.

4.º — As noções ministradas pela experiencia de M. Lassaigne demonstram, não só o quanto são erroneas varias theorias estabelecidas sobre os meios de ventilação em uso actualmente, como tambem indicam quanto importa renovar todo o ar nos sitios, onde se formam grandes reuniões de pessoas, a fim de substituir o ar viciado, produsido pela respiração e espalhado em todo o ambito da caza, por ar novo.

5.º — Os grandes apparelhos de ventilação, executados ao presente em muitos dos grandes edificios de París, obram pois effectuando mais, ou menos rapidamente, a substituição de toda a massa do ar encerrada nas suas capacidades, do que subtrahindo o ar viciado, que se julgava aglomerar-se nas regiões inferiores.

6.º — A sensação desagradavel, que se tem, respirando o ar mais ou menos quente que existe, em certas salas de espectaculo mal ventiladas, nas regiões superiores, é devida mais á rarefacção do ar do que á sua composição, pois que esta é quasi a mesma que a das regiões inferiores. N'estes casos, os movimentos respiratorios, tornando-se mais rapidos ou mais extensos, produsem phenomenos physiologicos diversos dos que se effectuam no ar na temperatura ordinaria.

Journal des Connaissances Utiles.

PARTE LITTERARIA.

Capella de Santa Catharina de Alpedrinha.

274 Fica junto da *Fonte de Leão* na principal rua da villa.

Construida toda de cantaria, e coroada, em grande parte, de amêas, tem mais feições de baluarte guerreiro do que de caza de oração.

O frontispicio é ornado de uma bella estatua de S. Catharina com os emblemas do martyrio, e do escudo de armas do Cardeal D. Jorge da Costa. [1]

No portico, de figura parabolica, fabricado de cantaria mais fina, sobresaem os bustos ao natural de S. Pedro e S. Paulo, obra prima de esculptura pela magestosa expressão das physionomias dos dois Apostolos.

São de cedro as portas, que, tendo zombado até agora da acção dos annos e violencias dos homens, [2] ainda parecem disputar a sua duração á eternidade.

O interior da capella corresponde á magnificencia exterior. Tem uma só nave, e um só altar de formoso marmore côr de roza; é apenas alumiado por duas estreitas frestas. O retabulo é antigo, e representa pintados em taboa alguns passos mais notaveis da vida do Salvador, e da Martyr Padroeira.

Uma grade de ferro, terminando em uma preciosa rendilha, ainda com seus longes de douradura, divide o corpo da capella (que é cercado de assento de pedra, á maneira de alguns refeitorios monasticos) do vestibulo do altar. O tecto é de abobeda, com mimosas laçarias e lavores, similhantes ás do Templo de Santa Cruz de Coimbra, tendo no meio as armas do Cardeal.

As paredes cobertas de azulejos verde-negros, alternados com brancos, de figura rhomboidal, por ventura dos primeiros fabricados no reino, [3] mal reflectem a escassa luz, que se escôa pelas frestas.

Grandes campas sepulchraes lagêam o pavimento, augmentando o religioso respeito que inspira tão venerando monumento. [4]

Sendo geralmente conhecidas as varias fundações do Cardeal D. Jorge da Costa, [1] somos nós acaso o primeiro que escrevemos particularmente da da Capella de Santa Catharina de Alpedrinha. É cabeça do morgado, que instituiu n'esta villa, e como tal anda descripta no antigo, e no moderno Tombo, que em 1754 mandou reformar o Administrador D. Rodrigo, de Noronha.

A Santa Catharina dedicou o Cardeal a Capella; porque devendo a uma princeza d'este nome o principio de suas grandezas, folgava de mostrar em todas as acções da sua vida a profunda gratidão, que sempre lhe consagrára. [2]

Primeiro nucleo, talvez, da mais colossal fortuna, que em Portugal chegára a lograr um Ecclesiastico, por ventura seria tambem a instituição d'este grandioso morgado [3] o primeiro passo para a honrosa alliança matrimonial de sua irmã, Margarida Vaz da Costa, com Lopo Alvares Feio, rico e nobre cavalleiro. [4]

Fôra o Cardeal filho de *Martim Vaz*, e *Catharina Gonçalves*, [5] pessoas pobres, e de humilde nascimento; [6] e com quanto o favor do Soberano o tivesse

1 O Cardeal D. Jorge da Costa, para memoria da Infante D. Catharina, irmã d'Elrei D. Affonso V, a quem devia o principio de suas grandes fortunas, trazia o escudo partido em palla; ao primeiro de azul, uma roda de navalhas de Santa Catharina Martyr, ao segundo as armas dos Costas, que são em campo vermelho seis costas de prata postas em tres faxas. Vide *Nobiliarchia Portugueza* de *Villasboas*, pag. 269.

2 Alguns francezes, em uma das invasões, tentaram arrombar estas portas á força de coronhadas; resistiram a taes embates.

3 Vide *Les Arts en Portugal* etc., par *Le Comte A. Raczynski* — pag. 426 e seguintes.

4 Podemos lêr ainda os seguintes epitaphios: *Aqui jaz Margarida Vaz da Costa, mulher de Lopo Alvres, irmã do Cardeal Dom Jorge, e dous Arcebispos de Lisboa e Braga, mãy e pay de Dona Ilena, e de Christovão da Costa, thezoureiro e conego na See de Lisboa*, etc. 1562. — *Aqui jaz Simão da Costa Freire, senhor de Pancas, administrador d'estes morgados; falleceu a 8 de Maio de 1674, dia da ascenção e da invenção da Cruz.* — *Sepultura de Luiz de Vasconcellos de Souza, e de Dona Maria da Cunha, sua mulher, e herdeiros.* — Confrontem-se com as Noticias da *Corographia Portugueza* de Carvalho — Tomo 2.°, pag. 392.

1 Erigiu a Capella de Nossa Senhora da Assumpção e S. Luiz, que mandou fabricar com grande dispendio no Convento de Santo Eloy, (Lisboa), para jazigo da Infante D. Catharina, (Castro, *Mappa de Portugal* — 5.ª parte, pag. 196. — *Les Arts en Portugal*, — pag. 252). Acabou e aperfeiçoou a fabrica do Convento de S. Clara (Evora). Mandou fazer na Egreja de N. Senhora do Populo de Roma a Capella de S. Catharina de preciosos marmores. Fonseca, *Evora Gloriosa* — pag. 289.

2 D. Catharina, filha d'Elrei D. Duarte. Morreu donzella em 1453, com 27 annos de edade. Distinguiu-se por sua piedade, e cultura das letras, vertendo em linguagem o *Tractado da perfeição da vida monastica*, que em latim escrevêra o Patriarcha de Veneza, S. Lourenço Justiniano.

3 É sito, como se lê no Tombo, em Alpedrinha, Atalaia, Alcaide, Castello-Novo, Catrão, Cabeças, Fatella, Freineda, Fundão, Orca, Povoa (da Atalaia), Povoa Palhaça, Valle da Torre, etc.

4 Vide *Corographia Portugueza*, de Carvalho — Tomo 2.°, pag. 392.

5 O Sr. Bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, (Tomo 1.° das suas obras — pag. 228) seguindo por ventura o Padre Fonseca, dá por paes ao Cardeal, *Antonio de Gusmão*, e *Maria da Costa*. Em um papel de lettra antiga, existente na Sachristia da Capella, de que tractamos, com este titulo: *Como deve applicar o Capellão d'esta Capella de Santa Catharina as Missas a que he obrigado em todo o anno* — lê-se o seguinte: *Novembro, Dezembro e Janeiro, pelas almas de Martim Vaz, e Catharina Gonçalves, Pays do Arcebispo*, etc. São estes tambem os nomes, que lhes dá o auctor do artigo — *O Cardeal de Alpedrinha* — inserto no vol. 5.° do *Panorama*.

6 O auctor do citado artigo do *Panorama*, reputa os paes do Cardeal *pessoas nobres e abastadas*; as considerações do Sr. Bispo Lobo, e as de Fonseca, destroem tal asserção, que é ainda contrariada pela tradição constante entre os Alpedrinhenses. É tão viva no povo de Alpedrinha a memoria do Cardeal, que qualquer vos mostrará a caza, em que nasceu, e vos indicará o logar do forno, em que por officio padejaram seus paes. Maior gloria cabe por isso a D. Jorge, que por sua indole elevada, e raras disposições do entendimento soube grangear e merecer uma nobreza mais luzida e honrada que a devida ao acaso do nascimento.

exaltado ás mais sublimes dignidades da Egreja, [1] e do Estado, [2] cremos que não valeriam, só de persi, prerogativas tão accidentaes para nobilitar suas irmãas, e filial-as no recatado gremio da fidalguia portugueza. [3]

N'esse tempo de crenças tão vivas no poder e valor de um nome illustre, n'essa epocha de zelo tão ardente pela distinção das raças, certo que não desceria um cavalleiro a alliar-se com uma mulher da plebe, se antes um titulo qualquer de nobreza não tivesse apagado as manchas da mechanica, e grossos cabedaes não fizessem esquecer origem villã.

Perspicaz, como era, o Cardeal alcançou a conveniencia de remover taes embaraços; e creando além d'isto estabelecimentos opulentos para todos os seus parentes, condecorou-os ainda por forma, que muitos dos nossos fidalgos mais estremados se gloriam hoje de taes ascendentes.

F. A. Rodrigues de Gusmão.

Abd-el-Kader.

1848

275 « D'estas brizas europeas
« Não me apraz o murmurar,
« Que eu sou filho das areas,
« Das areas de além mar:
« Mais amo de luz cobertos
« Ver correr, correr, incertos,
« Os turbilhões nos desertos
« Do meu extenso Adnar.

« Como é pallida esta lua!
« Este sol quão frouxo vem!
« A briza que aqui fluctua
« Que sôpro gelido tem!
« Como a noite aqui é grande!
« Nem do céu a luz se expande...
« Não ha um Deus que aqui mande
« Como manda um Deus além!

« Além, além, nos paizes,
« Que illumina ardente céu,
« Onde os homens são felizes,
« Onde a vida não tem véu;
« Onde a briza do oriente
« Leva o arabe contente
« Emballado docemente
« Desde o berço ao mausoléu.

« Como é triste ser captivo
« N'estas zonas sepulchraes!
« Ó brilho do sol estivo,
« De meus gentis areaes!
« Debalde prantos eu verto
« Pelo meu berço encuberto!
« Ó palmas do meu deserto,
« Não hei de eu ver-vos jámais?

« Quem me dera a liberdade
« N'essa terra onde eu nasci!...
« Na minha terra que invade
« O inimigo de Ali!
« Respirar independente
« Do deserto a briza ardente,
« Que é p'ra o ar'be valente,
« Como o beijo de uma Uri!

« Quem me dera essa batalha
« Tão sanguenta, tão feroz,
« Em que, involto na mortalha,
« Na mortalha do albornoz,
« Cahe o arabe e — vingança
« Contra os barbaros da França —
« Só deixa por sacra herança
« Por herdeiros todos nós!

« Cruze o alfange com a espada,
« Troe o som do arcabuz,
« O berbér tem mão pesada,
« E o corcel veloz conduz:
« Vencedor, é tigre amargo,
« Vencido, não tem embargo,
« Que o deserto é muito largo,
« Onde o sol envia a luz.

« Quando a area ainda era involta
« Nos orvalhos da manhã,
« Eu corria á redea solta
« Pelos plainos d'essa Oran:
« Eia! alerta! em dois instantes
« Ó minhas tribus errantes!
« Cingi os vossos turbantes,
« Affiae vosso yathagan...

» Mas em vão sonha o proscripto;
« A razão bradar-lhe vem:
« Pelo propheta maldicto
« Foi o arabe de além.
« De Allah cumpra-se a vontade;
« Resistir ao céu quem ha de?...
« Que eu morro sem liberdade,
« Qual sem sol murcha a cecem.

---

1 Logrou as maiores e mais pingues dignidades da Europa; porque foi juntamente Arcebispo de Braga, e Lisboa; Bispo de Evora, Porto, Vizeu (para o Sr. Bispo Lobo é muito duvidoso que o fosse de Vizeu), Algarve, Ceuta; Deão de Braga, Lisboa, Porto, Lamego, Guarda, Vizeu, Silves, e Burgos. Teve os Bispados Cardinalicios, Albanense, Tusculano, Portuense, e de Santa Rufina. Foi Decano do Sacro Collegio, Legado de Veneza, e Ferrara, Senhor da villa de Arpanica com todas as suas rendas e jurisdicções, Dom Prior de Guimarães, e Protector da Universidade de Lisboa. Teve uma abbadia em Veneza, outra em Navarra, e em Portugal sete abbadias da ordem de S Bento, seis da ordem de S. Bernardo, em que entrava a de Alcobaça, e dez Priorados de Conegos Regulares.

2 Vide *Obras* citadas do Sr. Bispo Lobo, Castro, *Mappa de Portugal*; Severim de Faria, etc.

3 Fonseca é de opinião contraria; julga, que a purpura de D. Jorge, e a auctoridade e valia, que tinha com Elrei D. Affonso, foram, só de per si, as que dignificaram suas irmãas para acharem tão nobres casamentos; como succedeu com as sobrinhas dos Cardeaes Richelieu e Mazarino, que cazaram pelo merito dos tios com as maiores cazas da Europa. — As immensas riquezas do Cardeal, previamente vinculadas em grossos morgados, foram. em quanto a nós, os principaes, senão os unicos, motores de taes casamentos.

Assim deplora, na soberba França,
Passadas glorias o Emir de Oran,
Vergontea murcha de florida esp'rança
Da raça errante dos fieis do Islam.

Já dos desertos nos sulcados trilhos
Veloz não passa o fero lidador,
Lá onde os crentes contarão aos filhos
Prodigios altos do seu grão valor.

Raça de heroes como o *simoun* do Sahara,
Bradando — Allah! — de Mahomed á voz,
Correndo em furia, o mundo lhe ficára
Quasi sujeito ao yathagan feroz.

Hoje é captivo, e o seu destino incerto
Deplora ao longe o q'rido do Berber,
E o ultimo monarcha do deserto
Nas cinzas morrerá de Abd-El-Kader.

A. de Serpa.

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

19 A 24 DE FEVEREIRO.

Diario n.º 43.

276 MAPPA estatistico da producção do arroz no anno de 1848 em varios districtos do Reino.

—

Dito n.º 44.

Relação das quantias provenientes das terças do rendimento das Camaras Municipaes e contribuições dos Concelhos para a Universidade de Coimbra, que estão em divida no districto de Braga. Somma esta relação 1:754$609 réis.

Pastoral de S. Em.ª o Sr. Cardeal Patriarcha, permittindo o uso de ovos e lacticinios durante a presente quaresma.

—

Dito n.º 45.

Portaria ordenando preces publicas para que a Divina Providencia haja de permittir que cesse a extrema seccura do tempo, tão impropria da estação invernosa que vae correndo.

—

Dito n.º 46.

Decreto ordenando que o expediente relativo ás classes inactivas passe, do Thesouro Publico, para a Direcção de Contabilidade Geral do Ministerio da Fazenda.

Circular pedindo informações ácerca do estado em que se acham os lançamentos da decima e mais impostos relativos ao segundo semestre de 1848, nos diversos districtos do Reino.

—

Dito n.º 47.

Portaria ordenando que o linho denominado *Jute*, vindo da India, ommisso nas Pautas, pague de direitos 400 réis por quintal.

Conta da receita e despeza nos diversos cofres de Lisboa, no mez de Dezembro de 1848. Montou a receita a 326:601$214 réis.

Necrologios.

ALEXANDRE JOSÉ FERREIRA BRAGA.

277 DEVEM ser simples as palavras escriptas sobre este tumulo.

Os restos, que ahi jazem, desde o dia 25 do corrente, não viveram no ruido do mundo.

Um nome de menos na lista dos mais probos negociantes de Lisboa, é falta que se torna mais sentida, porque essa existencia de 66 annos, que uma doença prolongada acabou, só se alimentava com a amizade de esposo e de pae, e com o santo amor, que tributava ao innocente filho de sua filha.

O Sr. Alexandre José Ferreira Braga deveu a si a sua fortuna.

Avultado numero de pessoas de varias classes da sociedade lhe deu ainda nas honras funebres uma prova — a ultima, a mais subida — da estima e consideração que soube adquirir.

Em logar das pompas do mundo, que adornam outros nomes, juntaremos ao seu nome poucas palavras, que serão gratas á memoria do que já não vive.

Foi um homem temente a Deus.

A sua alma descance em paz.

LUIZ ANTONIO REBELLO DA SILVA.

278 MINUTOS bastaram, para que na presença de uma numerosa assembléa se finasse um homem, distincto pelo seu saber e pelos seus bons desejos em favor da patria.

O Sr. Luiz Antonio Rebello da Silva, ao acabar o seu discurso, na sessão da Liga no dia 25 do passado, e depois de haver saudado com louvores o principio da associação como obra do progressivo desinvolvimento da intelligencia, senta-se, e os signaes de approvação de quantos o ouviram, trocam-se, de subito, em geral consternação. O socio que tinha fallado era já um cadaver.

A vocação do Sr. Rebello o chamava sempre para as animadas lides da discussão publica. A Universidade de Coimbra se recorda ainda do triumpho sem exemplo, que o Sr. Rebello ahi alcançou no exame do quarto anno de direito; pois que n'esse exame, tendo-lhe a força do raciocinio e as torrentes de eloquencia attenuado as forças, cahiu desfalecido nos braços dos seus collegas, que enthusiasticamente o levaram pelas ruas de Coimbra.

Domingo, esse mesmo corpo, então animado pela força da vida, era condusido em uma maca, levada pelos socios da Liga, e acompanhada por um prestito de socios da mesma associação, desde a sala do Tribunal do Commercio até á Egreja da Magdalena, depois de terem ouvido a palavra de um dos mais eloquentes oradores da tribuna portugueza.

Retirado, ha tempos, dos negocios publicos, não

lhe esquecêra por isso a patria; e as paginas do nosso Jornal em alguns volumes da sua primeira serie, contém artigos seus de notavel interesse para a nossa agricultura.

Contava 68 annos.

Aos dotes do entendimento lhe juntou Deus uma das mais bellas virtudes da alma. O amor de pae era para elle uma idolatria. Muito poderiamos dizer a tal respeito, porque, desde a infancia, eramos seus amigos, mas só contaremos um facto, presenciado ha pouco por centenares de pessoas. Era em uma das sessões da Liga. Seu filho defendia uma opinião, que tinha sido combatida; cercava o seu pensamento pela opulenta e colorida eloquencia, que tanto o distingue; de repente todos os olhos vêem na frente do moço orador um homem, que insensivelmente se ergue da cadeira em que está sentado, como se fôra uma apparição, e, com os labios meio abertos, e a face pallida, exprime que se lhe está coando na alma o enthusiasmo, de que a assembléa está possuida. Dos olhos, cravados no filho, lhe correm dois fios de lagrimas. N'este momento todos esquecem a eloquencia do filho para só admirarem o amor do pae. Tambem nós n'este ponto esquecemos tudo quanto d'elle podiamos dizer, porque este facto resume um elogio que nunca esquecerá.

Cadaveres engeitados.

279 Desde quinta feira, dois cadaveres de recem-nascidos foram achados na cidade de Lisboa, engeitados por seus paes: — um em Santa Catharina, enterrado, havia dias, em uma loja; — o outro na rua do Principe, dentro de um cano! Este desamparo deve ter causas que é mister averiguar. Na repetição d'este facto não vemos só o enfraquecimento dos laços, com que a moralidade publica une a familia; mas tambem descobrimos outro mal, que é a falta tão essencial da abençoada influencia do clero em a nossa sociedade.

Edições ricas.

280 Ao examinarmos a ultima e variada collecção de livros, que o Sr. Silva, livreiro ao Rocio, recebeu de París, admirámos edições illustradas, e encadernadas com muito gosto, de obras de grande merito. Difficilmente se encontra uma *lembrança* mais util e linda do que será o offerecimento de alguns d'esses livros, que por mais de um motivo nos pareceram merecedores de elogio.

Associação de S. Francisco Xavier.

281 A 28 de Janeiro, ás sete horas da noite, o Arcebispo de París presidiu a uma distribuição solemne de diplomas aos membros da celebre Associação de S. Francisco Xavier. Na vespera tinha havido, sob a presidencia do mesmo Arcebispo, na capella dos Lazaros, a assembléa geral das irmãs da Associação da Caridade de S. Vicente de Paula, para a visita dos doentes pobres. O superior dos Lazaros, M. Etienne, leu, diante do auditorio, o relatorio dos excellentes resultados obtidos durante o anno de 1848.

O Arcebispo dirigiu palavras animadoras ás irmãs da caridade de París. Ellas ficaram summamente penhoradas da bondade com a qual o digno Prelado lhes rogou que o representassem á cabeceira dos enfermos, ajuntando que ellas por certo não fariam mais, porém que elle as animava a perseverarem.

Depois da benção, esta numerosa assembléa separou-se toda edificada.

(La Semaine.).

Cavallo monstro.

282 Não será esta a denominação mais apropriada para um garboso e alentado cavallo, que, ha pouco tempo, chegou a Lisboa: mas o povo não lhe chama de outro modo — e n'estas coisas é bom ir com o povo. O cavallo é côr de castanho claro, com malhas mais escuras: tem boa estampa, e é da extraordinaria marca de 66 pollegadas. Nasceu em Hispanha, mas foi creado em Portugal, nas proximidades de Penafiel. Sentimos não saber o nome do creador, que, na presença de tal prova, merece o maior elogio: mas sabemos de um voto de pessoa competente, que lhe é muito honroso. Quando o cavallo foi tomado por uma força commandada pelo Sr. General Povoas, na ultima das nossas malfadadas contendas civís, o General ao vêr o cavallo, para que se lhe requeria excepção, não só exceptuou este, mas todos os que fossem daquelle creador.

Ao presente o cavallo pertence ao Sr. Chichorro, que o comprou por 800$000 réis.

Em quanto a falta absoluta de premio moral contraría as boas disposições, que appresentam muitos recursos da nossa agricultura, no que diz respeito á creação de gados, o nosso oiro vae para terras estranhas buscar os cavallos, em que hão de montar os nossos soldados, e que tem de puchar pelas carruagens, que percorrem as ruas de Lisboa. Este facto e muitos outros apontam diariamente para o caminho dos nossos interesses economicos — unico que devemos trilhar para não morrermos de todo.

Feliz chegada.

283 Sabemos agora que o Sr. Dr. Antonio Feliciano de Castilho chegou a esta cidade. Ainda não o abraçámos, mas não devemos addiar, nem por momentos, uma tão boa nova para a nossa mocidade, que muito, e muito, lhe deve, e para os seus amigos velhos, que não são poucos.

Primavera anticipada.

284 A temperatura é tão branda e suave no Departamento de Limoges, em França, que a vegetação está muito adiantada. Os rabanos e hervilhas estão já crescidos. Os prados já se acham esmaltados de

flores, e a herva já está mui crescida. Os lilazes, os abrunheiros, as amendoeiras e outras arvores e arbustos estão já na plena florescencia. Os cereaes estão magnificos. Quanto a flores de jardim, essas não teem cessado de produzir. Os junquilhos, jacynthos e outras plantas bulbosas estão já muito avançadas: este estado precoz e extraordinario dá grandes cuidados aos lavradores intendidos.

(La Semaine.)

Incendios.

285 Em a noite de 17 para 18 houve em Lisboa um incendio de pouca monta; mas n'essa mesma noite, da uma para as duas horas, se manifestou o fogo em um predio, que em Almada se estava acabando, o qual ardeu todo, o que não admira, pela falta absoluta de providencias, que para taes sinistros ha além do Tejo, bem como fóra das portas da cidade. Esta falta conviria que fosse remediada, e que esta perda servisse ao menos de advertencia para tal. — O predio era do Sr. Garcia, negociante de linho, e o prejuizo póde orçar-se em cinco contos de réis. — Como é de crer, em quanto um escaler atravessava o Tejo para levar uma bomba, o fogo caminhava a bom caminhar, e se tivesse sido auxiliado pelo vento, sabe Deus o que seria.

COMMERCIO.

286

Cereaes em 28 de Fevereiro.

Trigo do reino rijo	de	330	a	400	réis a bordo.
» » molle	de	420	a	460	» »
» da ilha	de	350	a	400	» »
Milho do reino	de	230	a	250	» »
» da ilha	de	210	a	220	» »
Cevada do reino	de	150	a	170	» »
» da ilha	de	140	a	150	» »
Centeio do reino	de	200	a	210	» »

— Na praça de Londres, foram, em 16 de Fevereiro, cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco		195		Por 100.
Consolidados	3 p. %	93¾	91¾	»
Redusidos	3 »	93¾	94	»
Fundos	3¼ »	94⅝	94⅞	»
Exchequer bills de Março		40	43	Premio.
» de Junho		46	49	»

ESTRANGEIROS.

Belgas	4½ »	80	83	Por 100.
Brasileiros	5 »	80	83	»
Dinamarquezes	3 »	—	—	»
Hispanhoes	5 »	17¾	18¼	»
Ditos	3 »	29½	30	»
Hollandezes	5 »	80	81	»
Ditos	2½ »	50¼	50¾	»
Mexicanos	5 »	25¼	25½	»
Portuguezes	4 »	25	26	»
Ditos consolid. 1841	—	24	25	»
Ditos divida interna	—	Sem preço.		—
Russos	5 »	108	110	»

— Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa	52		Por 1$000 rs.
Porto	52	52⅜	»
Rio de Janeiro	23½	24	»
Bahia	—	—	—
Paris	—	—	»

Praça de Lisboa, 28 de Fevereiro. — Os fundos publicos de 5 por cento continuam a ser procurados, por 51 por cento. — Acções do Banco de Portugal 468$ a 470$000 réis. — Desconto de Notas, desde 22 até 28 de Fevereiro, compra 2$040, venda 2$020.

— Estado do mercado em 27 de Fevereiro.

Caffé. — Acha-se mais animado, estando a sahida quasi limitada ao consumo da terra. — Continua a haver falta das boas qualidades.

Assucar. — Continua a ser procurado, havendo vendas para embarque, do mascavado a 900 e 950, segundo a qualidade. — Do novo tem-se vendido para a terra a 1$350 e 1$050, branco e mascavado, respectivamente.

Urzella. — Vendeu-se uma partida vinda ultimamente de Angola, a 6$000 rs.

Marfim. — Não ha compradores.

Cera. — Tem-se realisado a 225 a amarella d'Angola. — Da da terra ha falta.

Cacáo. — Ha escacez de boas qualidades.

Correspondencias.

287 Sr. Redactor. — Não nos enganámos, quando dissemos que a azeitona da presente novidade havia de necessariamente produzir pouco azeite. — Os colheiteiros d'estes sitios, a despeito mesmo do mais trivial raciocinio, anteciparam a sua colheita, servindo-lhes de meta a epocha dos annos anteriores, que regulava por todo o mez de Dezembro, e não pelo estado de maturação, a que unicamente se devia attender.

De maneira que uma parte da azeitona foi colhida verde; cujo atrasamento proveio das vicissitudes atmosphericas, que tolheram não só o desabrochamento da florescencia das frondosas e risonhas arvores asiaticas, que constituem a principal riqueza d'esta provincia, como tambem a ramificação dos succos oleaginosos, que, por effeito das intensas geadas, parece jaseram concentrados nos seus grossos vazos durante o praso de 15 a 20 dias.

Felizmente veio modificar o estado de entorpecimento, a chuva que cahiu pelo Natal. — O que val

é que a colheita foi abundante na generalidade: — um proprietario daqui deve colher este anno para cima de 3:000 almudes! Os lagares principiaram a moer cedo, e os mais affanosos colheiteiros, inspirados pela debilidade da bolsa reconheceram o que era já mui verosimil — *que para a azeitona dar azeite é indispensavel que o tenha.* — Houve moedura que não excedeu a um cantaro.

Actualmente produz, termo medio, dois almudes; quando outros annos não surprehendia a producção de 5 cantaros ou 3 almudes.

O preço é que anima pouco; regulando na proxima preterita feira d'aqui (6 do corrente) de 2:300 a 2:400 o almude; preço que será pouco duravel, visto que, n'outras partes do paiz, a colheita é defficiente, e os monopolistas cuidam assiduamente em o armazenar.

Mas ha de entrar de fóra, aliás sem necessidade, como estão entrando diariamente uma infinidade de pannos hespanhoes (de que por aqui se vae vestindo toda a gente, pela sua baratesa), com *maximo* prejuizo e entorpecimento da nova industria manufactureira, que já viamos na mais lisongeira escala ascendente.

Esta importação é um grande mal, que devia ter prompto e heroico remedio.

Preço dos Cereaes.

Trigo.....	300 a 320	réis.
« serodio..	490 a 510	»
Centeio.....	240 a 250	»
Milho.....	240 a 260	»
Cevada.....	200 a 220	»
Batatas.....	90 a 100	»

Mirandella, 10 de Fevereiro.

J. S. Rodrigues Cardoso.

Porto, 24 de Fevereiro. — Parece que os cereaes subirão de preço. Na ultima feira o trigo sustentou o preço minimo de 700 réis, isto é, 100 réis mais do que o preço que lhe communiquei em a minha ultima de 3 do corrente.

O alvitre do Sr. Moser, que vi no seu jornal 11.°, tem aqui agradado a alguns interessados na questão do Douro.

BIBLIOGRAPHIA.

288 *Agricultura allemã, suas eschólas, suas experiencias recentes*, etc. por M. Royer. — 1 vol. em oitavo — 7 francos.

—

La Semaine, Journal politique, judiciaire, littéraire, scientifique, artistique, militaire, commerciel, industriel et agricole. — Illustré de jolis dessins, modes, caricatures, personages célèbres, musique, etc. — Arrivant régulièrement toutes les semaines, soit par le paquebot, soit par l'Espagne.

Prix: 1 an..... 6,000 réis.
6 mois..... 3,000 »
3 mois..... 1,600 »

On s'abone chez Mr. P. Plantier, correspondant direct du dit journal, rua do Ouro, n.° 62 et 63, à Lisbonne.

Expediente.

ESCRIPTORIO — RUA DOS FANQUEIROS N.° 82.

Correspondencia franca de porte — AO REDACTOR E PROPRIETARIO DA REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Assignatura.

Doze numeros.....	$600	réis.
Vinte e quatro ditos.....	1$200	»
Quarenta e oito ditos.....	2$400	»

POR ASSIGNATURA sahe cada numero a 50 réis: *avulso* vende-se por 80 réis.

De qualquer ponto do reino, assigna-se por meio de carta, e em Lisboa no Escriptorio e na Rua Augusta n.° 8, e nas mais lojas em que se annunciar.

Todos os collaboradores estrangeiros ou nacionaes são bem vindos.

Todos os artigos, não assignados ou marcados, pertencem á Redacção.

A REVISTA acceita e troca com todos os jornaes portuguezes e estrangeiros.

Roga aos leitores das provincias e do Brazil, que communiquem os conhecimentos dignos de se publicarem em um Jornal como a REVISTA.

A Redacção annunciará, e, convindo, analysará qualquer publicação estrangeira ou nacional, que lhe seja remettida. O annuncio se fará na parte bibliographica. Quando assentar que o não deve fazer restituirá a publicação de que não der noticia.

A Redacção deste Jornal acceita e agradece qualquer noticia fidedigna e interessante que seja enviada.

— Participâmos, por este meio, ao *Nacional*, que desde o seu n.° 26, de 1 do passado, que não temos a honra de receber o seu jornal, e que do nosso Escriptorio se tem expedido, como é costume, o exemplar que, por troca, se lhe remette.

— Ainda mais uma vez fomos obrigados a interromper a publicação do nosso artigo — *Lamartine e Raphael:* — a urgencia de outras materias nos fez retirar a parte que, para o presente, estava composta.

— Agradecemos a poesia, com que nos brindou o Sr. Francisco Palha.

— Recebemos a attenciosa carta do Sr. J. G. Gomes Viva: brevemente o seu desejo será satisfeito.

— Agradecemos ao Sr. J. S. Rodrigues Cardoso a sua mui interessante carta de 13 do passado: será publicada.

— Tivemos a honra de receber a mui attenciosa carta do Sr. João Pereira, bem como a Representação da Camara Municipal de Peniche; pela nossa parte faremos quanto podermos para bem das pessoas, que assim nos honram com a sua confiança.